NIKĒ

UMA PUBLICAÇÃO DA ESCOLA DO ESPORTE COM CORAÇÃO DA NOVA ACRÓPOLE | Nº 5 • ANO 5

DE FILÍPIDES A

Spartathlon

EXEMPLO HEROICO DO PASSADO QUE NOS INSPIRA A SUPERAR LIMITES NO PRESENTE

O passado
na construção do futuro: o Santuário de Olímpia e o Templo de Zeus

Jizerská 50
Superação e o Espírito Olímpico presentes em uma corrida na neve

Cerimônias Fúnebres
e o seu papel na origem do Espírito Olímpico

O Arqueiro
e a Filosofia Viva do caminho da Intenção, Tensão e Concentração

O que é a Escola do Esporte com Coração?

A **Escola do Esporte com Coração** nasceu como uma iniciativa da **Organização Internacional Nova Acrópole** para recuperar e impulsionar o sentido que o esporte teve no mundo clássico, como uma via de conhecimento e superação de si mesmo, e de convivência saudável com os outros. Dentro da Organização Internacional Nova Acrópole, somos um espaço filosófico-esportivo que busca impulsionar no mundo um projeto de vida sólido que promova o uso adequado do tempo livre e a prática de hábitos saudáveis. Dessa forma, potencializaremos o desenvolvimento físico e mental de nossos alunos, contribuindo para a melhoria integral deles.

O Esporte melhora o futuro!

NOVA ACRÓPOLE
ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL

Carlos Adelantado Puchal
Presidente Internacional

Francisco Iglesias
Coordenador Internacional

NIKÉ

Sofia Bittencourt e Luciana Castro
Coordenação Geral

Sofia Bittencourt
Diretora de Redação

Luciana Castro
Diretora de Arte e Criação

Francisco Iglesias, Ales Gabriel, Nelson Todt, Sofia Bittencourt, Rita London, Luciana Castro, Ana Gálvez
Redatores

Bruna Righi Dotto
Designer

Voluntários da Escola do Esporte da Nova Acrópole do Brasil área Sul e Espanha
Tradução

Alfredo Aguilar, Esmeralda Merino e Silvana Dias
Revisão

Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin
Apoio

A revista Niké é uma publicação sem fins lucrativos, realizada de forma altruísta por voluntários da Organização Internacional Nova Acrópole, comprometidos com a promoção de um ideal de valores permanentes para melhoramento do ser humano e da sociedade.

Somos gratos pela oportunidade de olhar para o passado.

Durante séculos, uma cidade como Olímpia – e todo o mistério dos seus Jogos – permaneceu esquecida no tempo, submersa em ruínas. Hoje, temos a condição privilegiada de nos conectar novamente com esse legado, de forma clara e limpa, amparados por estudos, descobertas e fontes que a humanidade soube resgatar.

Trata-se de uma oportunidade grandiosa. Uma herança que, ao mesmo tempo em que nos inspira, também nos compromete. Cabe a nós mostrar ao mundo o pouco que compreendemos dessa história e levar a chama olímpica um passo adiante.

Somos gratos às forças da natureza e a todos os seres humanos que tornaram acessível esse sonho olímpico aos nossos olhares modernos. Olímpia adormeceu em seu sono de séculos, mas despertou em nossa memória. E se os arqueólogos nos oferecem a compreensão física e cronológica, cabe também aos filósofos revelar o sentido profundo dessa história: a mitologia, o pensamento e as vivências de uma civilização que fez do seu apogeu um legado para a humanidade.

Por isso, dedicamos este exemplar da **Revista Niké** aos Jogos Pan-Helênicos, aos Jogos da Antiguidade – místicos e religiosos antes de serem físicos. Que possamos, pela chave de compreensão oferecida pela filosofia, inspirar-nos nos gregos e vislumbrar os rumos do esporte do futuro, que é, no fundo, o mesmo esporte do passado.

Do legado antigo aprendemos que aqueles que virão serão melhores do que os que estão hoje. Preparamos o terreno para as novas sementes que germinarão. Aprendemos também que as almas retornam, carregando a experiência acumulada pela humanidade no contínuo devir da evolução. Não lembramos, mas podemos recordar. E recordar significa repassar pelo coração – símbolo maior da consciência humana.

Vivemos tempos difíceis, de crise e desconcerto. Mas assim foi em outros períodos históricos. A crise, se compreendida como mudança, é oportunidade: a de colocar em prática a experiência que a humanidade acumulou ao longo dos séculos. É necessário agir. E agir é assumir o protagonismo histórico: ser responsável pela própria vida, pelo entorno, pela sociedade da qual fazemos parte. É buscar ativamente as oportunidades de crescimento e desenvolvimento. É assim no jogo. É assim na vida.

E como fazer isso? Desde um lugar alto. Desde Acro-Polis.

Porque Olímpia não dormiu. Olímpia está viva em nossos corações. Pois Olímpia não é um lugar físico: é um estado de consciência.

Somos Olímpicos. Areté!

Sofia Bittencourt e **Luciana Castro**
Coordenação Geral

COLUNA DO TEMPLO DE ZEUS em Olímpia

Conteúdos
DESTA EDIÇÃO

Spartathlon 8
Da história de Filípides e a corrida de Maratona até a moderna Spartathlon
• Por Francisco Iglesias

Jizerská 50 13
A história e inspiração por trás da corrida de esqui cross-country
• Por Ales Gabriel

Olimpíadas Acropolitanas 19
Nova Acrópole Rio Grande do Sul realiza Olimpíadas em parceria com o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin
• Por voluntários do Rio Grande do Sul

Do Luto à Virtude 27
As Cerimônias Fúnebres e a origem do Espírito Olímpico
• Por Nelson Todt

O Santuário de Olímpia 31
e o Templo de Zeus como símbolos do esporte do futuro
• Por Sofia Bittencourt

Filósofo-Arqueiro 38
O Caminho do Filósofo-Arqueiro
• Por Rita London

Diágoras de Rodes 43
e o Triunfo na morte
• Por Luciana Castro

Voluntariado 48
após a enchente em Valência
• Por Ana Gálvez

DA HISTÓRIA DE FIDÍPIDES E A CORRIDA DE MARATONA ATÉ A MODERNA

Spartathlon

TEXTO *FRANCISCO IGLESIAS, COORDENADOR INTERNACIONAL DA ESCOLA DO ESPORTE COM CORAÇÃO DE NOVA ACRÓPOLE*

A lenda nos conta que Fidípides, após ter participado da batalha, correu pelas planícies que separam Maratona da cidade de Atenas, percorrendo uma distância de 40 quilômetros para levar a notícia da vitória ateniense sobre os persas. Ao chegar, exclamou νενικήκαμεν – *"vencemos"* –, e faleceu.

No entanto, a façanha de Filípides, ou Fidípides, foi muito mais impressionante. Heródoto, em sua obra *Os Nove Livros da História* ou *Histórias*, descreve Fidípides como um μεροδρομ (hemeródromo), mensageiro de longas distâncias, enviado por Milcíades a Esparta em busca de apoio durante a Primeira Guerra Médica.

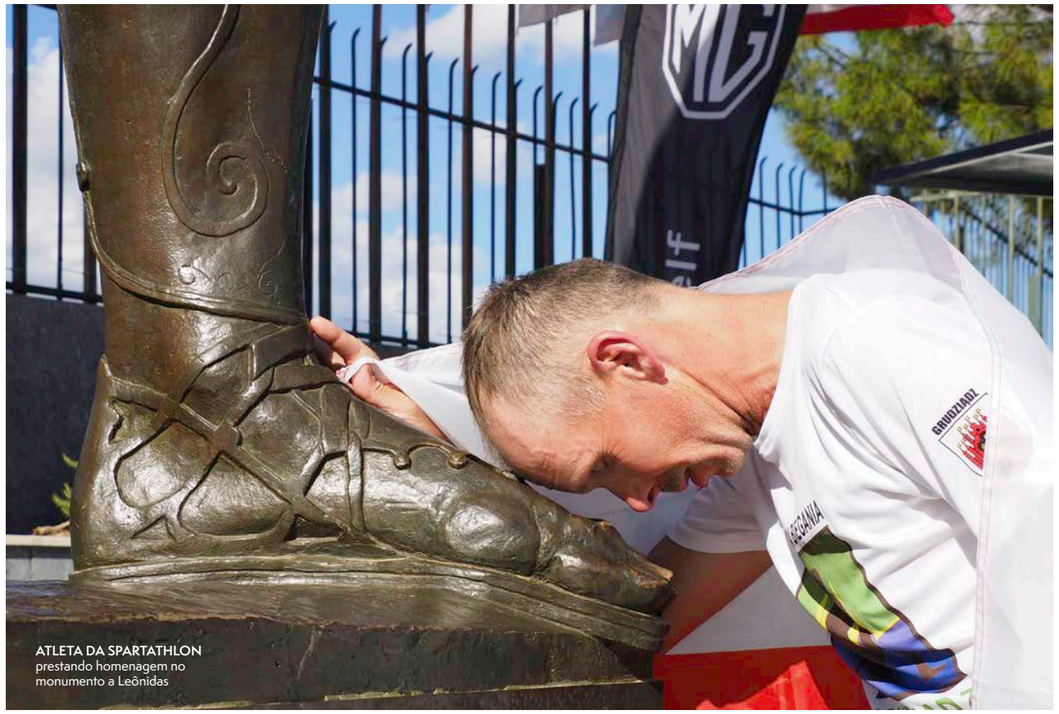
"Antes de abandonar a cidade, os generais de Atenas enviaram uma mensagem a Esparta. O mensageiro foi um ateniense chamado Fidípides, um profissional em corridas de longa distância. De acordo com o relato que Fidípides fez aos atenienses ao retornar, ele encontrou o deus Pã no monte Partenio, perto de Tegeia. Pã o chamou pelo nome e lhe disse que perguntasse aos atenienses por que não lhe davam atenção, se ele sempre havia sido amigável com eles e os havia ajudado no passado, e voltaria a ajudá-los no futuro. Os atenienses acreditaram na história de Fidípides e, quando recuperaram sua prosperidade, ergueram um templo a Pã sob a Acrópole e, desde então, celebram uma cerimônia anual em sua homenagem, com corridas de tochas e sacrifícios, para solicitar sua proteção.

Na ocasião a que me refiro – ou seja, quando os comandantes atenienses enviaram Fidípides e ele contou ter visto Pã –, Fidípides chegou a Esparta um dia depois de sair de Atenas e entregou sua mensagem ao governo espartano: 'Homens de Esparta', disse ele, 'os atenienses pedem a vossa ajuda, e vos imploram que não permaneçais de braços cruzados enquanto a cidade mais antiga da Grécia é esmagada e subjugada por um invasor estrangeiro; Erétria já foi escravizada e a Grécia se enfraquece com a perda dessa célebre cidade'. Os espartanos, embora comovidos com a súplica e desejando ajudar, não podiam agir imediatamente sem violar suas leis. Era o nono dia do mês e afirmaram que não poderiam marchar até que a lua estivesse cheia. Assim, esperaram pela lua cheia, enquanto Hípias, filho de Pisístrato, guiava os persas até a planície de Maratona."

- Heródoto, *Histórias*, VI, 105.

Coordenador Internacional da Escola do Esporte com Coração de Nova Acrópole

ESTÁTUA DE FIDÍPIDES na Estrada de Maratona



ATLETA DA SPARTATHLON
prestando homenagem no monumento a Leônidas

Filípides percorreu os 246 quilômetros que separam Atenas de Esparta... em 36 horas! No entanto, os espartanos estavam em meio a uma festividade religiosa, a Carneia, impedindo-os de participar de combates até a próxima lua cheia. Filípides, após receber a recusa dos espartanos, percorreu o caminho de volta em mais 36 horas, com apenas um dia de descanso, para levar a negativa ao general ateniense Milcíades.

Isso significava uma espera de seis dias; por isso, Milcíades decidiu agir sem o auxílio espartano e obteve a vitória.

Quando os espartanos chegaram, parabenizaram os atenienses e regressaram para sua terra sem lutar.

Heródoto, em sua obra, não relata a célebre corrida de Filípides de Maratona até Atenas. Em vez disso, descreve a rápida marcha do exército grego, que se apressou ao percorrer o trajeto entre essas duas localidades. Isso porque os persas, recém-embarcados em seus navios após a derrota em Maratona, poderiam contornar a península da Ática num piscar de olhos, ameaçando capturar uma Atenas desprotegida. No entanto, quando os persas avistaram a cidade, os guerreiros gregos já estavam lá e, ao ver que Atenas estava bem defendida, decidiram regressar à sua terra natal.

Com o passar do tempo, a história da corrida de Maratona a Atenas para proclamar a vitória grega aparece na obra de Plutarco, que, no século I d.C., atribui tal feito a um arauto chamado Tersipo – citando como fonte Heráclides Pôntico, um autor do século III a.C. – ou até mesmo a outro mensageiro chamado Eucles.

Um século depois, Luciano, o escritor de Samósata, atribui essa corrida lendária ao corredor Filípides, mencionando que foi ele quem pronunciou as célebres palavras ao anunciar a vitória aos arcontes, que estavam sentados e ansiosos pela resolução do conflito: “Alegrai-vos, vencemos!” Ao dizer essas palavras, o mensageiro sucumbiu, exalando seu último suspiro junto com a notícia da vitória e a saudação.

A lenda se fortalece em 1820 por meio do poema The Battle of Marathon, de Elizabeth Browning, que, numa obra romântica, consolidou o mito do corredor de Maratona como o conhecemos hoje.

Essa obra também encantou o barão de Coubertin, que incluiu a maratona (de 41 quilômetros e 800 metros) nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna em Atenas, em 1896, embora essa distância não tivesse relação com as provas atléticas da antiguidade.

Naquela ocasião, um humilde pastor grego, Spiridion Louis, consagrou-se vencedor, após passar a noite anterior em oração, pedindo forças para representar dignamente seu país. Desde então, a maratona tornou-se a prova de encerramento de toda competição atlética, incluindo os Jogos Olímpicos. Assim nasceu a prova de maratona no âmbito esportivo.

Por fim, nos Jogos Olímpicos de Londres de 1908, a distância foi fixada em 42 quilômetros e 195 metros, para que a família real britânica pudesse assistir ao final da emblemática corrida desde o Palácio de Windsor, sem ter que se deslocar ao estádio olímpico.

Inspirados pela façanha de Filípides, um grupo de corredores britânicos da RAF (Royal Air Force) investigou as possíveis rotas que o hemeródromo teria percorrido e criou o Spartathlon, uma prova realizada anualmente desde 1982 entre Atenas e Esparta. É considerada por muitos como uma das corridas de resistência mais difíceis do mundo: deve ser concluída em no máximo 36 horas. A cada ano, diversas pessoas participam do evento, mas menos da metade consegue chegar ao final. Aqueles que o fazem podem se orgulhar, não só por terem percorrido distâncias que muitos nem sequer podem conceber, mas por seguir os passos do lendário Filípides.

Desde a base da majestosa Acrópole, os bravos atletas partem por uma vasta estrada rumo ao mar, num percurso fluido que convida os corredores mais ágeis a desafiar os limites do tempo máximo para a conclusão. Ao alcançar a costa, seguem em direção ao estreito de Corinto, com uma paisagem idílica, que, no entanto, colocará à prova as pernas fatigadas dos competidores. Após cruzarem o canal de mesmo nome e testemunharem antigas ruínas, os corredores entram na península do Peloponeso, enfrentando uma sinfonia de breves subidas e descidas, onde cada quilômetro desafia o cronômetro, como se ele se tornasse mais um rival a ser vencido.

À medida que avançam, as subidas se intensificam, levando os corredores a alcançar 1.200 metros de altitude na marca de 160 km. Agora, cada passada torna-se uma batalha titânica contra o implacável Cronos, buscando conquistar a ajuda de Kairós, rumo à ancestral Esparta, antigo lar de guerreiros lendários. A aventura culmina diante da imponente estátua de

ATLETAS EM FRENTE
ao monumento a Leônidas em Esparta

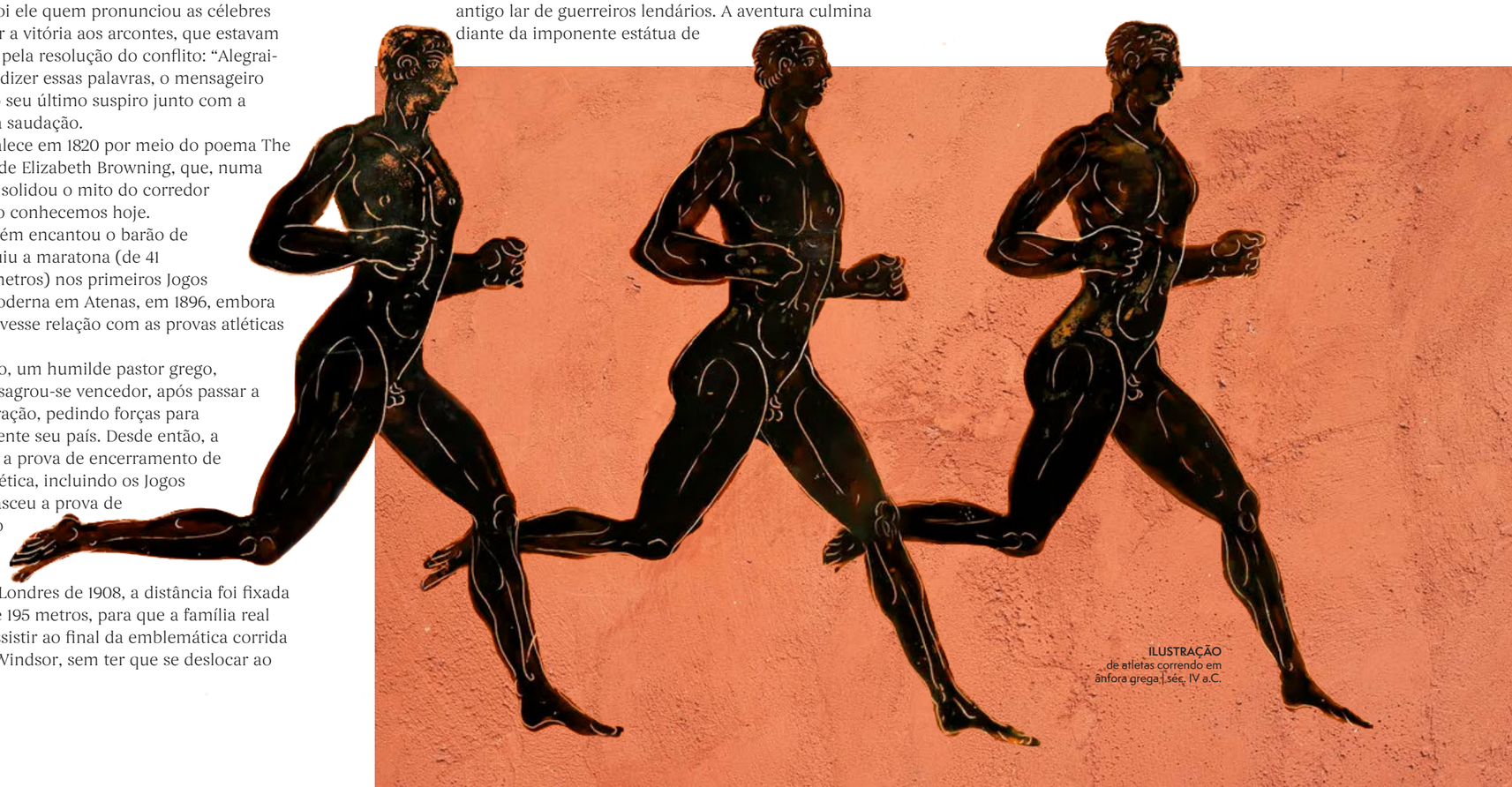


ILUSTRAÇÃO
de atletas correndo em ânfora grega | séc. IV a.C.

Capa

Leônidas, sentinela silenciosa de uma prova de atletismo que hoje presta homenagem àqueles audazes e corajosos homens e mulheres.

Em 2005, Yiannis Kouros, fora de competição, correu de Atenas a Esparta e retornou a Atenas, ou seja, exatamente o que fez Filípides. Seu tempo foi de 53h43'11". Com certeza, Filípides estaria orgulhoso de Yiannis Kouros.

Embora, fiel aos fatos históricos, os corredores de hoje realizam uma tremenda façanha, digna de grande admiração, ao percorrer os 246 km que separam Atenas e Esparta em menos de 36 horas, com 76 pontos de apoio... mas Filípides percorreu essa distância em 36 horas, descansou um dia à espera da resposta espartana e percorreu outros 246 km de retorno em mais 36 horas, para então, sem tempo para descansar, vestir a armadura hoplita e participar da decisiva – para o futuro do Ocidente – Batalha de Maratona.

A história nos mostra exemplos heroicos e edificantes para nos inspirar e motivar a superar nossos limites.

Para compreendermos melhor Filípides e todos os seus contemporâneos, vejamos qual era o juramento de todo jovem grego ao ascender à condição de cidadão:

> *"Não envergonharei minhas armas sagradas, nem abandonarei o homem ao meu lado sempre que estiver em formação. Lutarei para defender o sagrado e o profano, e não deixarei minha pátria diminuída, mas maior e melhor, até onde eu seja capaz junto a todos os demais. E obedecerei àqueles que exercerem o poder com justiça a qualquer momento, bem como às leis em vigor, assim como qualquer outra que se decida no futuro. Se alguém as quebrar, não lhe serei leal sempre que estiver em minhas mãos e nas de todos os demais. E honrarei a religião ancestral."*

ATLETA participando da Spartatlhon frente a ruínas gregas

Jizerská 50

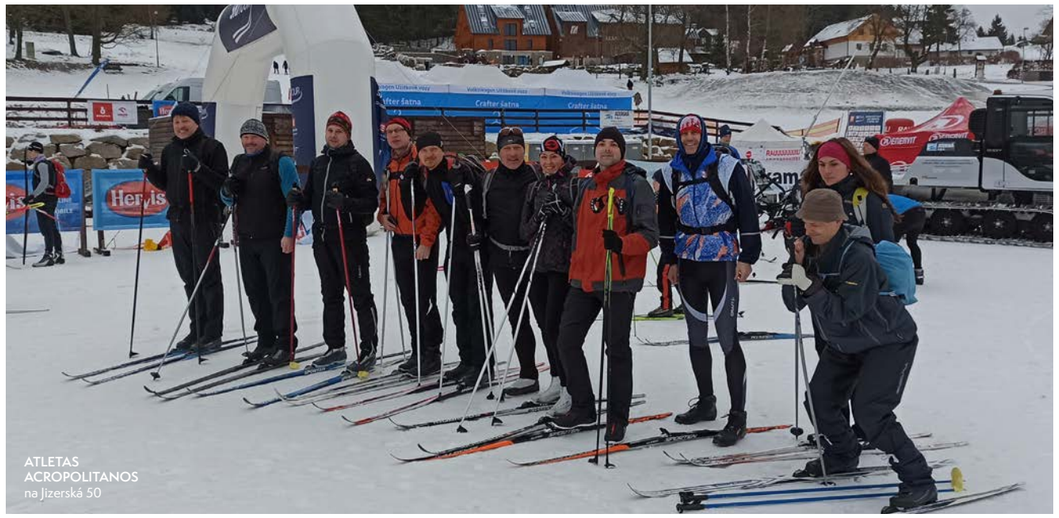
A HISTÓRIA E A INSPIRAÇÃO POR TRÁS DA CORRIDA DE ESQUI CROSS-COUNTRY

***TEXTO** ALES GABRIEL, MEMBRO DO SENADO ORGANIZATIVO INTERNACIONAL DA NOVA ACRÓPOLE E COORDENADOR DA ESCOLA DO ESPORTE NA REPÚBLICA CHECA*

A Jizerská 50 é uma lendária corrida de esqui cross-country na República Tcheca, disputada na técnica clássica ao longo de um percurso de 50 quilômetros pelas impressionantes montanhas Jizera.

Neste artigo, buscaremos descrever sua atmosfera, que atrai milhares de participantes entusiastas às montanhas Jizera. Com sua longa tradição, a corrida demonstra a possibilidade de desenvolver valores duradouros próximos aos ideais olímpicos.

ATLETAS ACROPOLITANOS na Jizerská 50


ATLETAS ACROPOLITANOS na Jizerská 50

Uma tradição que perdura

A primeira edição foi realizada em 1968, e a corrida tornou-se extremamente popular na década de 1970, com a participação de milhares de competidores. Seu ímpeto não diminuiu. As edições de 2022 e 2023 bateram recordes de participação, atraindo mais de 8.000 competidores no total. Desde 1999, a corrida integra a Liga Mundial de Longa Distância Worldloppet e conta com a participação dos melhores corredores tchecos e internacionais, bem como de diversas celebridades reconhecidas. A prova é regularmente classificada entre os quatro eventos mais importantes da série internacional de elite de esqui cross-country, a Ski Classics, conhecida como as Grand Classics.

Um pouco de história

A corrida foi criada como uma prova de seleção para classificar os escaladores do TJ Lokomotiva Liberec com base em seu desempenho. A primeira edição da Jizerská 50 foi realizada em 20 de janeiro de 1968 e teve 52 competidores na largada. A segunda edição contou com a presença de 126 corredores e o número de participantes cresceu a cada ano. Outro momento crucial para a Jizerská 50 foi o ano de 1970, quando os 15 membros da Expedição Peru 70, que faleceram em uma avalanche no Huascarán em 31 de maio de 1970, participaram da corrida. Desde então, a prova é conhecida como o Memorial da Expedição Peru 70. Antes de cada corrida, os participantes guardam silêncio e, durante uma breve cerimônia, o hino nacional tcheco é executado. Este momento é uma homenagem aos alpinistas caídos, razão pela qual os números de peito de 1 a 15 não são utilizados para honrar sua memória: um tributo discreto, mas comovente que conecta a corrida a um legado de coragem e recordação.

ATLETAS ACROPOLITANOS na Jizerská 50

Por que corremos?

Então, se você se pergunta, por que colocar os esquis e percorrer 50 quilômetros por montanhas nevadas no inverno?

Talvez para conectar-se com a inspiração que vem "de cima" nas altas colinas. E talvez também para perceber a importância de "tocar a terra com firmeza" na neve escorregadia. A combinação de inspiração e esforço resulta em um atleta-filósofo, capaz de transpor para a vida cotidiana os valores adquiridos durante a corrida.

O espírito olímpico em ação

A Jizerská 50 não é uma corrida qualquer. Isso se deve ao frio invernal, à extensão do percurso e, principalmente, à sua atmosfera. Esse ambiente é criado pelos corredores, mas sobretudo pelos voluntários que auxiliam na organização, desde a largada aos pontos de abastecimento e à meta. Sua cordialidade e comprometimento dão vida ao evento com um senso compartilhado de propósito e alegria.

A corrida também vivifica o lema olímpico: “Citius, Altius, Fortius – Communiter”. “Mais Rápido, mais Alto, mais Forte – Juntos”. Observamos como o lema dos Jogos Olímpicos (Citius, Altius, Fortius – Communiter), que Pierre de Coubertin adotou de seu amigo, o abade Dido, possui um significado tanto físico quanto moral. Na Jizerská 50, esses não são apenas ideais, mas realidades vivenciadas.

É um lema moral, não apenas físico. Pode ser aplicado ao corpo, à energia, às emoções, à mente e ao comportamento ético e moral. Analisemos brevemente estas quatro palavras sob uma perspectiva filosófica

ATLETAS ACROPOLITANOS na Jizerská 50

para compreender como são sentidas e experimentadas durante a corrida.

O lema original “Citius, Altius, Fortius” foi oficializado durante os Jogos Olímpicos de Paris de 1924.

“Citius” não significa apenas mais rápido em uma corrida, mas também no sentido de rapidez, agudeza de compreensão e vivacidade intelectual.

“Altius” significa mais alto, não apenas em termos de aspirar a uma meta, mas também em referência à elevação moral do indivíduo.

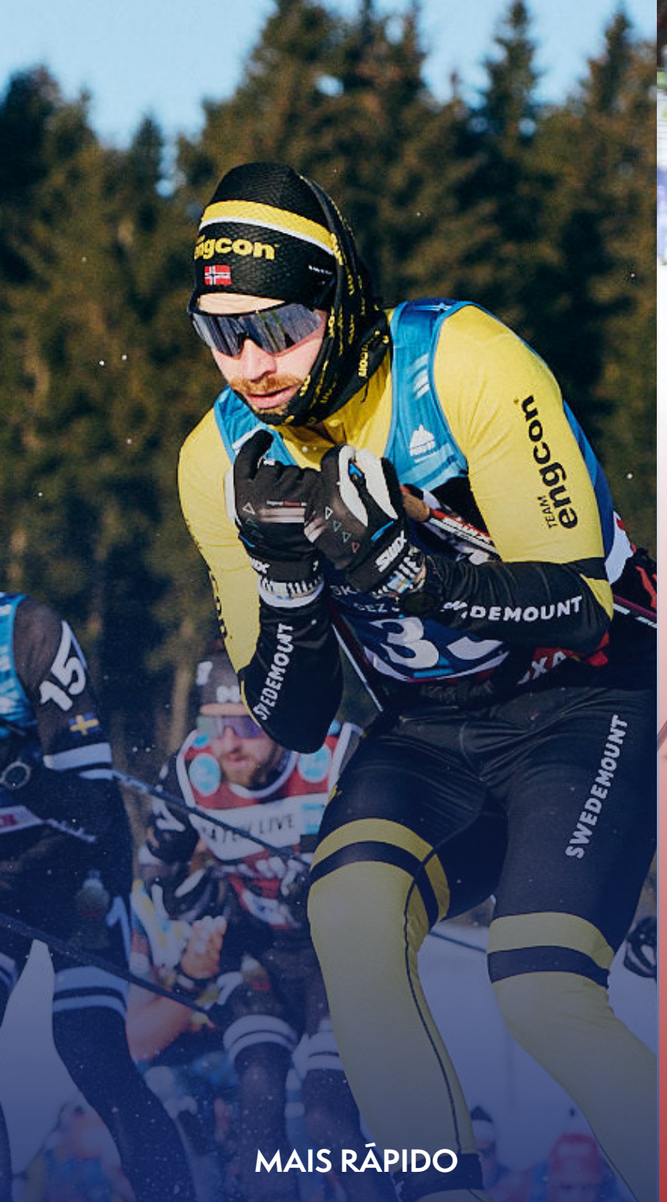
“Fortius” não significa apenas bravura na competição esportiva, mas também nas adversidades da vida.

A segunda versão do lema, com a adição de “Communis” ou “Communiter”, foi introduzida durante os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 (realizados em 2021 devido à pandemia).

Para colocar tudo isso em prática, a União e a Convivência são essenciais.

E agora, vejamos como a Jizera 50 desperta esses valores.

NÚMEROS HISTÓRICOS em homenagem memorial a montanhistas



Citius

MAIS RÁPIDO

Os corredores de elite mais rápidos completam o percurso de 50 km em pouco mais de duas horas. Os últimos amadores podem levar até sete, mas o importante não é o relógio. Trata-se de superar os limites pessoais. Em numerosos casos, o corredor mais lento superará dificuldades muito maiores. As histórias aventurosas e bem-humoradas dos corredores foram descritas em muitos artigos e livros.

Nesta distância, cada um deve encontrar seu próprio ritmo. A disciplina de saber a que velocidade ir, quando conservar energia e como gerenciar os altos e baixos torna-se uma metáfora da vida. Frequentemente, o verdadeiro triunfo consiste simplesmente em alcançar a meta.

Altius

MAIS ALTO

A Jizerská 50 realiza o primeiro quarto da corrida em subida. Para chegar ao cume do monte Jizera, os corredores devem subir 300 metros. Se estiver ensolarado, é fácil; mas se chover ou ventar, é muito difícil. Em seguida, os corredores descem ao vale do rio Jizerka e começam a alcançar novamente o monte Jizera pelo outro lado, onde a inclinação é ainda maior. É neste ponto que a corrida é decidida.

Neste momento, podemos recordar como a maioria de nós vive em nossa vida cotidiana: subir, descer, subir e descer novamente. Muitas vezes, durante a corrida, todos nos lembramos da necessidade de recuperar as forças nos momentos difíceis e seguir em frente. A arte de se reerguer é muito útil na vida.

Fortius

MAIS FORTE

Não é possível completar a corrida sem um treinamento prévio. Por isso, nossa Escola de Esporte da Nova Acrópole na República Tcheca tenta praticar esqui cross-country regularmente. Muitos atletas que não possuem força suficiente para a corrida participam desta competição. Mas isso não é um problema. Se há um objetivo comum entre várias pessoas, esse fim fortalece todo o grupo.

Nunca se pode saber com antecedência como estará o tempo na montanha. Por isso, é preciso estar preparado para o sol, a neve, o nevoeiro, a chuva e o vento. Às vezes há mais e outras vezes menos graus (temperatura). Dependendo da temperatura, é preciso encerar os esquis, pois se não funcionarem, a Jizera 50 se converterá em um suplício. Isso ensina a usar a força com sabedoria, uma habilidade igualmente importante na vida diária.

Communiter

JUNTOS

A mais recente adição ao lema olímpico, "Juntos", é talvez a alma da Jizerská 50. A corrida simplesmente não poderia existir sem os voluntários, os organizadores e a comunidade que a mantêm viva a cada ano. Seu espírito é contagiante. Esse espírito olímpico dos voluntários é a essência de todo o evento e aqueles que o sentiram uma vez desejarão experimentá-lo novamente.

Nossa Escola do Esporte da Nova Acrópole na República Tcheca começou a participar da corrida graças à ideia de um amigo nosso, Leo. Ele estava prestes a completar 50 anos e lhe perguntamos onde queria celebrar. Brincando, ele nos disse: "Na Jizerská 50". Assim, levamos sua palavra a sério e nos inscrevemos na corrida. Mas Leo adoeceu pouco antes da prova. Os demais brincaram com ele por ter nos "enganado", mas estavam entusiasmados com a corrida. Para acabar com nossas brincadeiras, no ano seguinte Leo também participou. Desde então, temos participado da corrida regularmente há sete anos.

NOVA ACRÓPOLE DO RIO GRANDE DO SUL REALIZA

Olimpíada

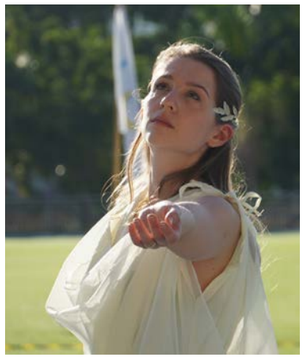
EM PARCERIA COM O COMITÊ BRASILEIRO **PIERRE DE COUBERTIN**

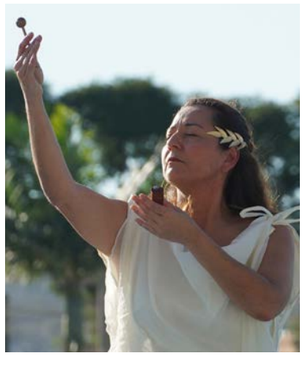
TEXTO *FILÓSOFOS-ATLETAS VOLUNTÁRIOS DA ESCOLA DO ESPORTE DO BRASIL-SUL*

Por um instante, o tempo pareceu parar. Sob o céu suave e limpo do mês de abril, erguia-se, silenciosa e firme, a tocha simbólica da Olimpíada Acropolitana de Porto Alegre. Ali, onde pouco mais de um ano antes correram as águas das enchentes, agora pulsava o espírito humano em sua forma mais nobre: a vontade de se levantar. De recomeçar.

De reencontrar o Belo, o Justo, o Bom e o Verdadeiro através do esforço.

AS SACERDOTISAS fazem a entrada do fogo sagrado na abertura dos jogos





Nos dias 12 e 13 de abril de 2025, realizou-se, na cidade de Porto Alegre (RS), a Olimpíada Estadual da Escola do Esporte com Coração da Nova Acrópole no Rio Grande do Sul, em sua primeira edição nestas terras. O evento foi fruto de uma parceria com o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin, e foi realizado na estrutura da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), atual sede do mesmo. Entre os presentes, destacou-se a honrosa participação do professor Nelson Todt, que lidera o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin como presidente e exerce com distinção o papel de vice-presidente no Comitê Internacional.

O evento reuniu um total de 276 pessoas: 162 atletas e 114 membros do público – entre juízes, organizadores e convidados – que estiveram presentes, unidos pelos mesmos ideais e valores do esporte e da filosofia.

O que já era, por essência, um encontro entre corpo e alma, ginástica e música, tornou-se também um gesto silencioso de redenção. Desde a abertura, foram realizadas falas e homenagens rememorando um ano da enchente que assolou o estado, com a maior catástrofe climática da sua história.

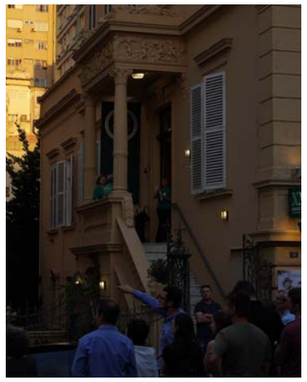
E assim, entre passos firmes e corações elevados, foi-se relembrando que Olímpia, a cidade dos Deuses, não é um lugar, mas um estado de consciência. E que seu acesso se conquista não apesar da adversidade, mas através dela.

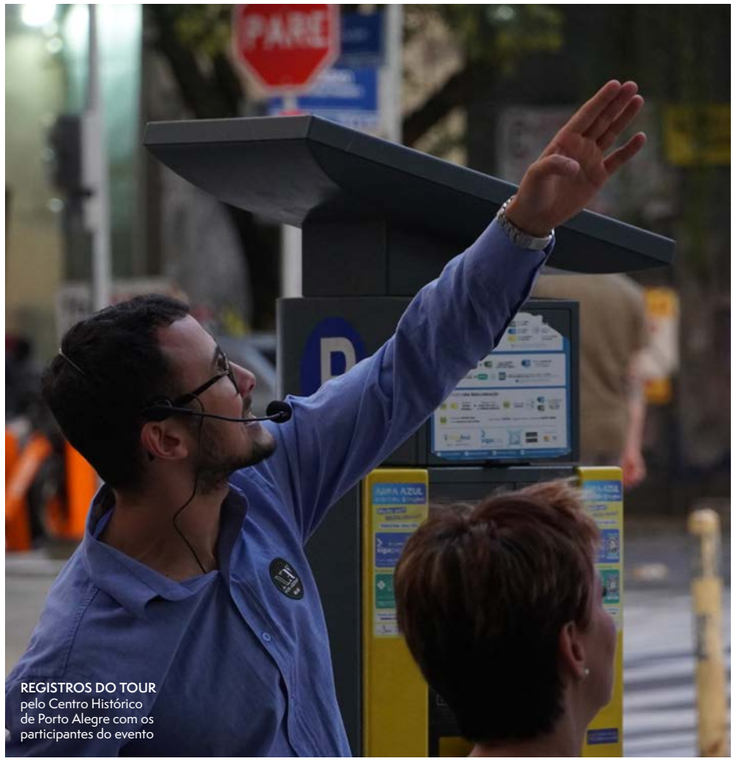
Há momentos na História em que os ventos sopram, e se torna difícil manter o fogo aceso. Mas, no coração do verdadeiro Atleta,

ele não se apaga jamais.

— Sofia Bittencourt, Coordenadora da Esporte com Coração no Rio Grande do Sul, Brasil

ATLETAS ACROPOLITANOS em momento de convivência entre as provas





REGISTROS DO TOUR
pelo Centro Histórico de Porto Alegre com os participantes do evento

Resgate Cultural e Histórico

No dia prévio às Olimpíadas, em memória ao desastre climático que completava um ano, os filósofos-atletas foram buscar nas suas raízes culturais a força para, durante os jogos, oferecerem o seu esforço como forma de revitalizar os heróis que partiram e os que ficaram.

Com esse intuito, foi realizado um Tour Cultural pelo Centro Histórico da cidade. O evento explorou os arredores da icônica Praça da Matriz, rememorando a história do estado e da sua capital. Também passou pelo Solar Palmeiro, casarão de 1790, atual sede da Nova Acrópole em Porto Alegre.

Essa forma de celebrar a memória daqueles que partiram foi rememorada também pelo professor Nelson Todt em sua fala de abertura e posteriormente em sua aula: “Cerimônias Fúnebres e o Caráter Esportivo na Antiguidade Grega: entre o culto aos mortos e a celebração da excelência.”

> Na Grécia Antiga, as cerimônias fúnebres e os jogos não eram rituais separados – eram expressões diferentes de uma mesma verdade:
>
> **a vida é breve, mas o espírito é eterno.**
>
> — Nelson Todt, presidente do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin

ATLETAS ACROPOLITANOS
na linha de largada de uma das provas de atletismo

A experiência Olímpica na Escola do Esporte com Coração

No sábado (12 de abril de 2025), o dia começou com a cerimônia de abertura, marcando o início oficial da Olimpíada Estadual da Escola do Esporte do RS. Em seguida, os filósofos-atletas participaram das provas esportivas nas modalidades de atletismo (corrida, revezamento, salto em distância, lançamento de dardo e arremesso de peso), tênis de mesa, xadrez, natação e vôlei.

As atividades esportivas também foram intercaladas com aulas, incluindo a aula do professor Ricardo Vela, diretor da Escola do Esporte no Brasil Área-Sul, e do professor Nelson Todt.

À noite, o espírito olímpico ganhou forma na Arte. Os próprios atletas se apresentaram com poesia, música e teatro, encerrando o dia com momentos de beleza e inspiração, em que o esforço também se fez oferenda por meio da expressão artística.

“Ó atleta, sê ferreiro de ti
A pista é a bigorna, o apito, martelo
Do impacto, da dor, faz surgir o belo:
A Virtude que jamais vai partir...”

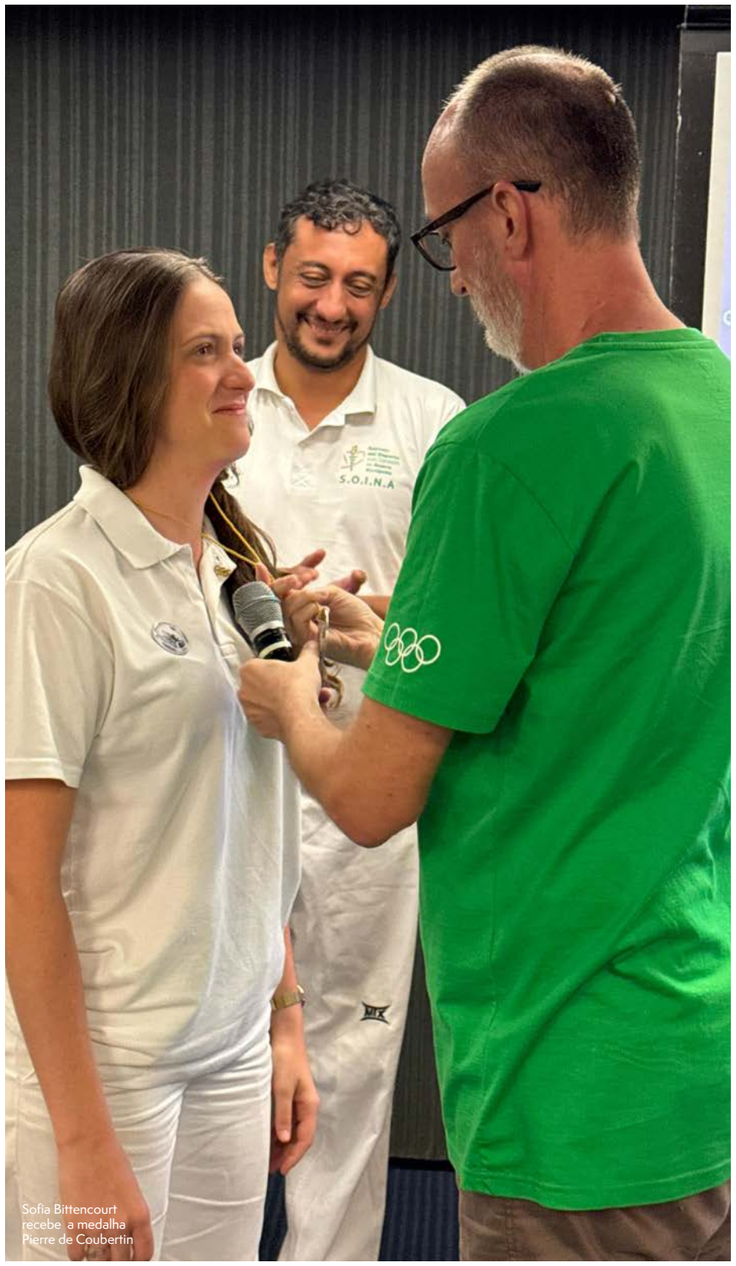
— Trecho do Poema “Apito e Bigorna” de Gustavo Dartora da Nova Acrópole Porto Alegre Centro (RS) enviado à prova de Poesia Escrita de 2025

"Adentra a Arena, Atleta Guerreiro
Oferta aos Deuses aquilo que és
Em tua Alma, o Fogo lampeiro
Aguarda o momento em que,
aceso, te guiará às asas de Niké..."

— Trecho do Poema “Entre Eros e Areté” de Maria Dora Waechter Lima da Nova Acrópole Santa Cruz do Sul (RS) enviado à prova de Poesia Escrita de 2025

No domingo (13 de abril de 2025), após as aulas e prova de 5 km, em um momento bastante simbólico, a coordenadora da Escola do Esporte com Coração de Nova Acrópole no estado, Sofia Bittencourt, foi condecorada com a medalha Pierre de Coubertin, do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin. Segundo o professor Nelson Todt, que realizou a entrega da medalha, a frase gravada no seu verso – "Olhar longe, falar com franqueza, agir com firmeza" – reforça ainda mais esse compromisso com a visão de Pierre de Coubertin de uma educação voltada para o desenvolvimento de indivíduos éticos e comprometidos com o bem comum.

Por fim, mais do que lembranças alegres, a Olimpíada deixa uma chama acesa – e não apenas simbólica. Mostra que, mesmo em tempos difíceis, é possível vivenciar o Espírito Olímpico. Que o esporte, quando orientado pela Filosofia, deixa de ser apenas um espetáculo de modalidades e torna-se ferramenta de formação interior.



Sofia Bittencourt recebe a medalha Pierre de Coubertin

> Não temos o mesmo tamanho de alguns seres humanos, verdadeiros gigantes, que deixaram grandes pegadas na História. Mas se pisarmos todos juntos na História, as pessoas terão a oportunidade de enxergar pegadas de fraternidade e poderão **seguir este sonho que estamos vivendo.**
>
> — Ricardo Vela, Secretário Nacional da Escola do Esporte com Coração da Nova Acrópole

MOMENTOS FINAIS da prova de 5km de corrida: os atletas voltam para acompanhar os últimos colocados

Matéria

AQUILES
cuidando de Pátroclo
ferido por uma flecha,
tondo de Vulci | 500 a.C.

Do Luto à Virtude

AS CERIMÔNIAS FÚNEBRES E A ORIGEM DO ESPÍRITO OLÍMPICO

TEXTO *NELSON TODT, PROFESSOR DA PUCRS E PRESIDENTE DO COMITÊ BRASILEIRO PIERRE DE COUBERTIN*

Desde os tempos mais antigos, diante da morte, o ser humano procurou não apenas consolar-se, mas encontrar sentido. Na Grécia, berço de tantas expressões da alma, as cerimônias fúnebres não foram meros rituais de despedida, mas pontes simbólicas entre o efêmero e o eterno. Ali, o gesto de honrar os mortos se estendia para além das lágrimas: envolvia canto, sacrifício, silêncio – e, aos olhares de hoje, surpreendentemente, também o esporte.

Os Jogos Fúnebres descritos por Homero na Ilíada, organizados por Aquiles em homenagem a Pátroclo, são um exemplo dessa ligação sagrada entre dor e excelência. Os gregos compreendiam que o esforço físico, quando orientado por um ideal, podia tornar-se uma forma de elevação. A superação de si mesmo tornava-se uma oferenda à memória dos que se foram – e uma afirmação da própria vida, daquilo que permanece.

Professor da PUCRS e Presidente do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin

AQUILES sacrificando a Zeus pelo retorno seguro de Pátroclo | Ilias Picta, sec. V d.C.

Segundo uma das tradições, os próprios Jogos Olímpicos nasceram como uma homenagem fúnebre ao herói Pélops. No túmulo do herói, em Olímpia, os primeiros atletas corriam não apenas por glória pessoal, mas como sacerdotes em movimento, como mensageiros do sagrado – canalizando, por meio de seus corpos, uma energia espiritual e coletiva.

Séculos depois, esse espírito ressurgiu – e de maneira singular – na realização da I Olimpíada Estadual da Escola do Esporte com o Coração, promovida pela Nova Acrópole no Rio Grande do Sul em colaboração com o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin. O evento, ocorrido um ano após a tragédia das enchentes de maio de 2024, reuniu cerca de 250 atletas filósofos num encontro que foi, ao mesmo tempo, competição, homenagem e ato de elevação moral.

As águas haviam levado casas, ruas, memórias, vidas. Pairava no ar um sentimento de luto coletivo, de vulnerabilidade. Mas também – como na Grécia antiga – surgiu a pergunta: o que fazemos com o que nos aconteceu?

A Olimpíada respondeu com gestos simples e profundos: corredores avançando em silêncio, aplausos espontâneos, abraços entre equipes, superações pessoais celebradas não com vaidade, mas com gratidão. Cada prova foi uma oferenda simbólica. Cada atleta, um mensageiro da esperança. E, sobretudo, cada momento vivenciado no campo foi um lembrete de que o ser humano, mesmo ferido, pode erguer-se com beleza.

Durante a cerimônia de abertura, evocou-se essa herança filosófica. Comparou-se a Olimpíada a uma cerimônia fúnebre no melhor sentido helênico: não para prender-se à dor, mas para transformá-la em virtude. Relembrou-se que a verdadeira vitória não é aquela que vence o outro, mas a que vence o desânimo, o medo e a indiferença.

Como ensinavam os estoicos, não controlamos os fatos, mas podemos dominar nossas reações. A Olimpíada, nesse sentido, foi uma escolha ética. Escolheu-se não o esquecimento, nem o vitimismo, mas a recordação ativa, a memória que se converte em ação. E que ação! Todos unidos em torno de algo belo, ordenado, alegre e profundo.

A competição foi apenas a superfície. O que se vivenciou ali foi uma pedagogia silenciosa da alma: respeito,

HADES/PLUTO-SERAPIS, com Cérbero ao seu lado, estátua romana de Gortyna | sec. II A.D.

REI PELOPS, como retratado no Promptuarii Iconum Insigniorum

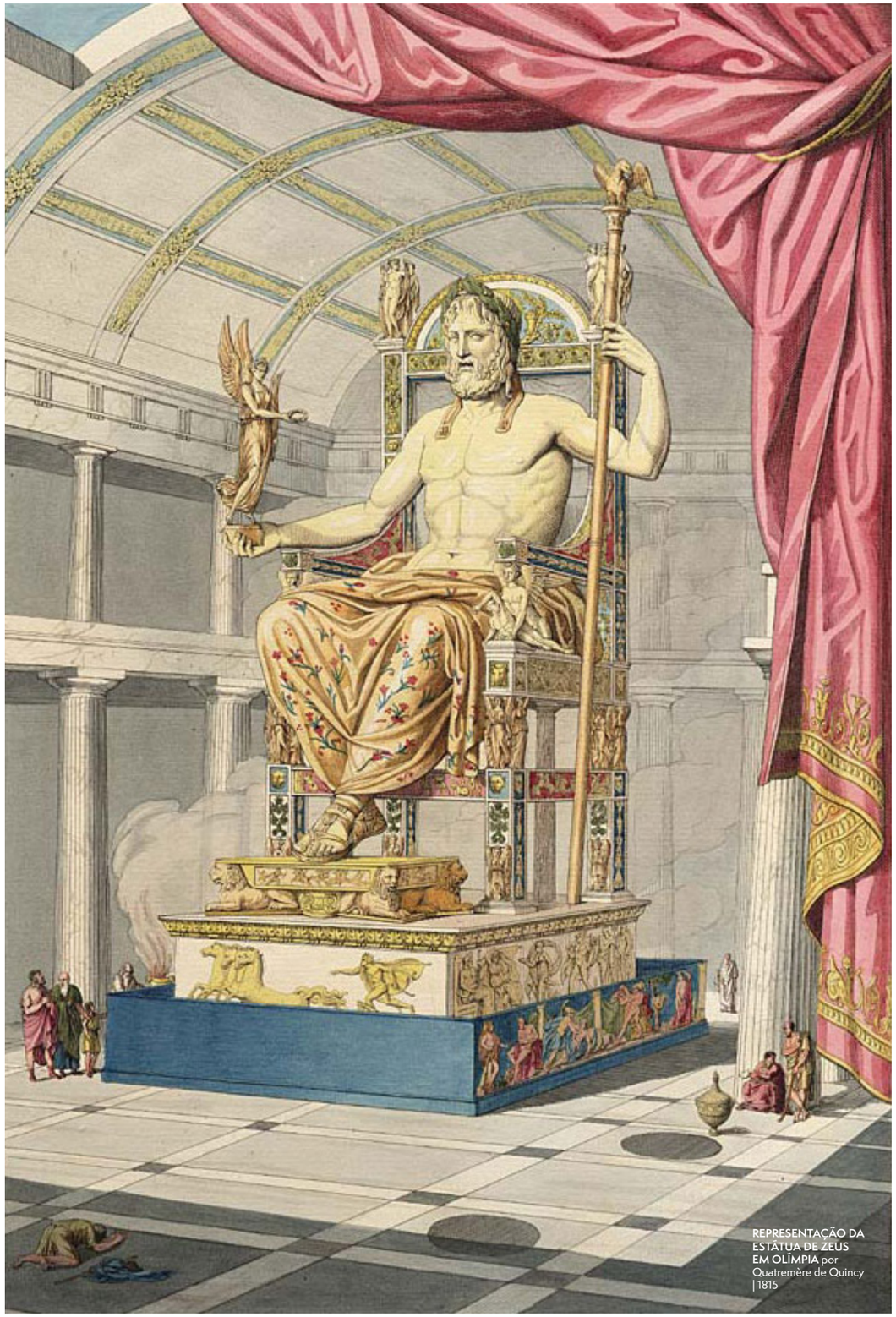
concentração, coragem e alegria interior. A cada nova bateria, a cada pódio compartilhado, o que se renovava era a certeza de que o humano pode – e deve – se elevar. O esporte, quando guiado por ideais, torna-se filosofia em movimento.

E assim, como nos jogos antigos celebrados em honra aos heróis, a I Olimpíada Estadual também prestou sua homenagem. Não apenas às vítimas das enchentes, mas a todos que ajudaram, acolheram, reconstruíram. Foi uma cerimônia viva, onde o corpo serviu à alma – e a dor serviu à consciência.

Hoje, olhando para aquele evento, não se fala apenas de medalhas. Fala-se de significados. Fala-se da coragem de se manter ereto diante da adversidade. Fala-se do reencontro com a dimensão simbólica da vida, aquela que os antigos cultivavam com tanta lucidez. Talvez seja isso o que mais nos falta em tempos tão técnicos: o resgate do sentido. E, por isso, a Olimpíada com o Coração cumpriu mais do que um papel pedagógico ou esportivo; cumpriu um papel civilizatório! Reatou o elo entre o gesto e o espírito, entre o corpo e a alma, entre o presente e a eternidade.

Que seu exemplo inspire outras ações semelhantes. Que a lembrança da dor vivida em 2024 jamais se converta em ressentimento, mas em força moral. E que o espírito Olímpico, tão antigo quanto necessário, continue iluminando nossas escolhas – com beleza, com ética e com coração.

Saudações Olímpicas e Acropolitanas!



REPRESENTAÇÃO DA ESTÁTUA DE ZEUS EM OLÍMPIA por Quatremère de Quincy | 1815

O PASSADO COMO MOTOR PARA A CONSTRUÇÃO DO FUTURO:

O Santuário de Olímpia e o Templo de Zeus

TEXTO *SOFIA BITTENCOURT, INTEGRANTE DO SENADO ORGANIZATIVO INTERNACIONAL DA NOVA ACRÓPOLE*

Quando a humanidade atravessa tempos de incerteza, recuperar a força do passado torna-se vital: são a força e o simbolismo das grandes civilizações que permitem direcionar corretamente os esforços do presente para uma reta construção do futuro. Da mesma forma, ao falarmos do Espírito Olímpico, conceito tão amplo e tão profundo, podemos buscar no passado da humanidade, em Olímpia, como essa força se expressou. E como pode hoje nos inspirar o Amor e a Sabedoria, para caminharmos unidos como Humanidade, e Sabedoria para caminharmos na direção correta.

Foi o que fez Pierre de Coubertin, que canalizou na sua época o espírito do Helenismo que estava ressurgindo através de escavações, e reaparecimento de antigas ruínas, hinos, orações e conhecimentos. Por motivos desconhecidos à nossa limitada visão, na segunda metade do século XIX, era o tempo dessas forças e tradições retornarem à humanidade. Seja através do Esporte, com Coubertin, seja através da Filosofia com personagens como Helena Blavatsky, a qual, poucas décadas antes, havia trazido conhecimentos muito antigos guardados há séculos no Tibete.

ATLETAS da Escola do Esporte caminhando por Olímpia

Coubertin, na apresentação de sua ideia de recriar os Jogos Olímpicos da Antiguidade, momento que ocorreu em 16 de junho de 1894 no Congresso na Universidade de Sorbonne, organizou a primeira audição da era Moderna do Hino à Apolo que havia sido recentemente descoberto por Theodore Reinach nas escavações em Delfos, na Grécia. Fala Coubertin que, ao iniciar a audição, preparada especialmente para o evento pelo arranjo de Gabriel Faure's, o espírito do Helenismo adentrou na sala e no coração de todos. E isso fez com que se abrissem as portas dos corações e mentes para receberem a sua ideia:

> *"Gabriel Faure ajudou com elegância. [...] A execução desta peça musical sacra criou a atmosfera desejada entre a enorme plateia. Uma sutil sensação de emoção espalhou-se pelo auditório como se a antiga euritmia viesse até nós de um passado distante. Dessa forma, o helenismo infiltrou-se em todo o salão. A partir daquele momento, o congresso estava destinado a ter sucesso." (1)*

Ainda, falando sobre este resgate do passado realizado por Coubertin, estão as suas visitas ao Santuário de Olímpia, que foram cruciais para reacender em seu coração a força do Ideal Olímpico. Não à toa o seu coração permanece enterrado próximo ao Santuário, onde hoje está localizada a Academia Olímpica Internacional.

Para compreendermos um pouco melhor a força desse passado da história do Olimpismo, vamos adentrar um pouco nas fontes históricas que tem chegado até os dias atuais, como pontes para nos conectarmos a esse momento grandioso do passado humano neste local tão especial que foi o Santuário de Olímpia.

RUÍNAS visitadas pelos acropolitanos em Olímpia

Fontes históricas

O Santuário de Olímpia foi um dos grandes centros do mundo Pan-Helênico na Antiguidade. A região foi habitada durante pelo menos vinte e cinco séculos; fragmentos de jarros e restos de cemitérios apontam para existência de importantes construções micênicas no local. Com relação ao estudo do Santuário, se mostra difícil a separação entre o contexto estritamente histórico do mítico.

Tratando-se das competições atléticas, não se sabe se foram organizadas pelos antigos habitantes da região, os pisatas, ou pelos dórios ou eólios, os quais habitaram a região do Peloponeso durante o século XII a.C.. Com registros históricos se tem que o Rei da Élida, Ífito, sob orientação do Oráculo de Delfos, visando harmonizar os diversos conflitos das cidades-estados sob o seu comando, recebe a orientação de "restaurar os jogos de paz". Este Rei, então, realiza uma reorganização completa dos Jogos e instaura, junto com Licurgo de Esparta e Cleóstenes de Pisa, a chamada Trégua Sagrada. A data oficialmente aceita para este reinício dos Jogos Olímpicos é 776 a.C. Este tratado será então gravado em um disco que ficou guardado até o século II d.C. no templo de Hera, dentro do Santuário de Olímpia.

Durante estes momentos de "trégua" nenhum grego podia pegar armas e o acesso era livre por todos os locais, mesmo os que estivessem em "guerra-civil". O que mostra a unificação nacional que Olímpia representava para os gregos.

Havia diversos edifícios e templos no Santuário de Olímpia, além dos estádios e outras construções importantes, como o ateliê de Fídias, arquiteto da Acrópole e lendário construtor de diversas esculturas de Deuses no Mundo Antigo.

Uma análise histórica mais aprofundada de Olímpia permite distinguir dois períodos: a chamada Época Arcaica e a Época Clássica. Na Época Arcaica (séculos VII-VI a.C.) ocorre um maior desenvolvimento do Santuário, a partir também da maior difusão e propagação dos Jogos Olímpicos, o que também aumenta o número de visitantes no local. Já na Época Clássica (séculos V-IV a.C.), as competições alcançam o seu apogeu em sua expressão externa e, paralelamente a isso, ocorre o surgimento do Templo de Zeus. No século IV a.C. ocorrem grandes reformas, incluindo a que se faz no estádio que, a partir de agora, teria capacidade para aproximadamente 40.000 pessoas. Diversos filósofos e artistas importantes passaram por Olímpia como Anaxágoras, Platão, Aristóteles, Píndaro e inclusive Heródoto, que alcançou a glória e fama declamando seus nove livros da História no santuário helênico. Tudo isso gerou um ambiente de sacralidade o qual, para quem visita o Santuário ainda nos dias de hoje, pode ser percebido entre suas ruínas. Feitos heroicos, superações, e a própria musa da História passaram por suas terras e deixaram sua inapagável marca nesta misteriosa localidade.

Com o tempo, os Jogos foram perdendo seu vínculo

ATLETAS da Escola do Esporte caminhando por Olímpia

MAPA EXPLICATIVO do Santuário de Olímpia no tempo dos imperadores romanos (séculos I-III)

EL SANTUARIO DE OLIMPIA EN TIEMPOS DE LOS EMPERADORES ROMANOS (SIGLOS I-III).

1- Pelopion. 2- Altar de Zeus. 3- Altar de Era. 4- Altar de la Madre de los Dioses. 5- Colonia de Oinomaos. 6- Olivo. 7- El Hereo. 8- El Pritanion. 9- Vuelftirion. 10- Estadio. 11- Hipódromo. 12- Templo de Zeus. 13- Niké de Palonios. 14- Taller de Fidias.15- Baños griegos. 16- El Ceikoleon. 17- Baños. 18- Posadas y villas romanas. 19- El Mitroon. 20- Zanes. 21- Pórtico de Ejos. 22- Casa de Nerón. 23- Pórtico del Sur. 24- Filipion. 25- Leonideon. 26- Palestra. 27- Gimnasio. 28- Ninfeon. 29- Termas del Norte. 30- Casas romanas. 31- Termas del Sur. 32/33- Edificios romanos con termas. 34- Puerta de Triunfo

Matéria

com o sagrado, e o componente mistérico, que era o cerne de todo o processo olímpico, foi se afastando. Ainda assim, as competições continuaram por alguns séculos sendo celebradas no local, já em um processo de decadência, com o surgimento da figura do “atleta profissional” e casos de corrupção entre juízes e atletas. Olímpia, como um grande centro magnético, que aglutinou ao seu redor durante séculos o florescimento do mundo helênico, continua realizando competições já com pouca raiz filosófica. Até que, por volta do ano de 267 d.C. ocorrem as invasões dos heróleos, momento no qual os sacerdotes e autoridades do Santuário buscam proteger e preservar o Templo de Zeus e a sua estátua, sacrificando outras partes do santuário para construir uma muralha com a qual cercaram o templo. Os Jogos continuam a ser celebrados, até que em 393 d.C., durante o reinado de Teodósio I, se celebra a última Olímpiada, de número 393, contabilizando 1169 anos de duração dessa tradição. Com o término dos jogos, a estátua de Zeus, que ficava dentro da principal estrutura de Olímpia – o Templo de Zeus, toda construída em ouro e marfim, considerada umas das Sete Maravilhas do Mundo Antigo –, é transportada para Constantinopla onde, no século V, será destruída sem vestígios, por um suposto incêndio.

No ano de 426 d.C., por ordem do Imperador Teodósio II é incendiado o Santuário de Olímpia, junto com a destruição de todos os templos “pagãos”. O local ainda passa por dois terremotos antes de ser habitado por uma comunidade cristã e, durante a Idade Média, sofre diversas inundações que fazem, por fim, Olímpia cair no esquecimento, junto com os velhos Deuses e Heróis que ali habitavam.

O Templo de Zeus

Como ponto central desse Santuário, sede de força e irradiação de inspiração para o mundo antigo, estava o Templo de Zeus, com a famosa estátua de Zeus, que era considerada uma das sete maravilhas da antiguidade.

Este magnífico templo teve sua construção finalizada em 456 a.C., após, aproximadamente, dez anos de trabalho. Foi naquele tempo, o maior Templo construído na Grécia até então. O seu arquiteto foi Libon de Élis e sua inteligente projeção é impressionante até os dias de hoje. Suas dimensões eram de 64,12 x 27,68 m. Em seu interior, uma escada em forma de espiral levava o visitante ante a majestosa estátua de Zeus, feita de ouro e marfim por Fídias. A estátua ficava sobre um azeite que se vertia para proteção do mármore da umidade, uma vez que o Templo de Zeus se situava em um local muito pantanoso. No interior do Templo também se encontravam a estátua do Rei Ífito e sua esposa.

A estátua de Zeus, muito esmerada em detalhes, considerada uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo, era de dimensões impressionantes.

> *“A estátua de Zeus de Fídias tinha uma altura de 12,40 m. O Deus, sentado em um trono majestoso e coroado com um ramo de olivas, sustinha com a mão direita a Niké e com a esquerda o cetro com a Águia. O rosto, o corpo e as pernas eram de marfim, enquanto a capa e o cajado do Deus eram de chapa de ouro, sobre o esqueleto de madeira interior. Ouro e pedras preciosas adornavam o trono de ébano, interiormente de bronze, que tinha uma decoração escultural (Nikés dançando, Jarites, Horas, Esfinges, Deuses, heróis de temas legendários etc). (2)”*

Pausânias, por sua vez, prefere não dar uma dimensão exata à estátua por não confiar na análise dos olhos. Este historiador do mundo antigo também se refere à estátua do Rei do Olimpo com muita devoção colocando que, para ele, o próprio Deus aprovou o trabalho de Fídias quando este chegou ao final. Conta Pausânias que, depois de Fídias dar os últimos retoques à estátua, orou ao Deus para que este lhe desse sinais da sua aprovação e que, então, se diz que o pavimento do templo foi atingido por um raio onde ainda no tempo do historiador era possível ver uma ânfora com uma tampa.

Dentro do Templo estavam expressos diversos trabalhos de Hércules como a caça do Javali, a Hidra de Lerna, o Leão de Nemeia, e o herói libertando Prometeu acorrentado de seu cárcere no monte Cáucaso. Além disso, estavam desenhadas as batalhas de Maratona e Aquiles segurando Pantesila morrendo, entre outras passagens históricas e mitológicas importantes da cultura grega.

Sobre a cabeça de Zeus, Fídias colocou de um lado as Graças e as Horas que, na Teogonia de Hesíodo, também são filhas do Deus, e que, em uma interpretação de Homero, são as guardiãs dos céus. No Templo havia diversos altares, entre eles seis principais, que contemplavam os doze deuses do Olimpo. Assim, com a grandiosidade deste Templo, deste santuário, pode se compreender um pouco da grande força que os Jogos Olímpicos tiveram na antiguidade, e como, de alguma forma, essa força permanece viva, impulsionando também ideias no nosso tempo atual.

ILUSTRAÇÃO DO TEMPLO DE ZEUS, EM OLÍMPIA como se imagina que era no séc. V a.C | 1908

Conclusão

O estudo sobre os Jogos Pan-Helênicos, em especial sobre Olímpia e seu Santuário, traz à tona a capacidade do ser humano de construir um ideal pelo qual viver e através do qual se unifica: consigo mesmo, com os demais, com o Cosmos e com o tempo. Na busca pela conexão com o sagrado, o ser humano é capaz de alcançar um elevado nível de aprendizado, esforço e vocação. E este estado coletivo de elevação de consciência determina o quanto se expressa em cada época o potencial inerente que sempre carregamos dentro, enquanto humanidade.

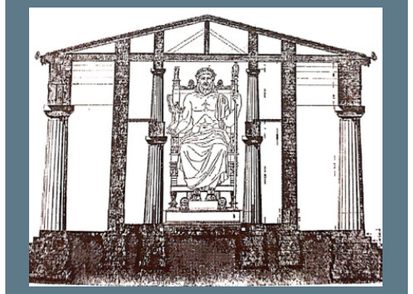
Estar em contato com essas inspirações do passado, através de escassos fragmentos que ainda chegam em nosso tempo, assim como obras que retornam, serve para nos mostrar o quanto desconhecemos de nossa memória coletiva humana. Resgatar os mitos e as ideias esquecidas há muitos séculos, que fizeram com que muitas pessoas se reunissem em locais especiais devidamente preparados em prol de algo muito maior que eles mesmos, é inspirador, e mostra uma opção para o futuro da humanidade. Em especial, no que toca ao tema do esporte, este resgate se faz extremamente necessário em um mundo onde o esporte nem sempre têm contribuído para a paz dos povos, para um melhor desenvolvimento individual e coletivo do ser humano, servindo muitas vezes à interesses obscuros e comerciais.

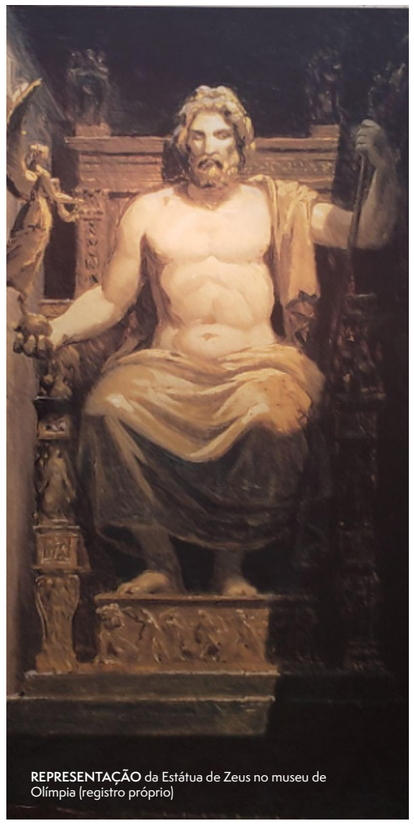
Quando uma ideia quer nascer, nascerá através de uns ou de outros, ensina Jorge Ángel Livraga. Pierre de Coubertin foi uma ponte, através do qual essas ideias atemporais que podemos chamar de o “Sonho de Olímpia", voltaram a se expressar na humanidade. E hoje depende de todos nós levar esse sonho adiante, como o simbolismo da Tocha Olímpica. Até onde isso irá chegar? Não sabemos. O que nos compete é carregar a tocha com o máximo de nossas forças, espalhando este fogo pelo mundo de palha e de madeira, até que no futuro retornem as grandes Tochas que trarão uma nova era de ouro, como aquela em que se diz que foram criados os Jogos Olímpicos, por Cronos:

> *Com relação aos Jogos Olímpicos, os antiquários da Élida dizem que Cronos primeiro reinou no Céu, e que um Templo lhe foi construído pelos homens daquela época, que foram chamados de Raça de Ouro.*
> Pausânias, século II a.C. (3)

Que possamos resgatar essas forças ígneas em nossos corações para juntos sermos dignos de receber a coroação do Destino, sob a forma de Niké, de voltarmos a viver a paz entre todos os povos.

REPRESENTAÇÃO da parte interna do Templo de Zeus (GRECIA CLÁSICA, 1995)





REPRESENTAÇÃO da Estátua de Zeus no museu de Olímpia (registro próprio)

REFERÊNCIAS

1. Cp. MÜLLER, N. (ORG.), PIERRE DE COUBERTIN. *Olimpismo.* Escritos Selecionados, Lausanne 2000, p. 318-319. COUBERTIN, Pierre de, Memórias Olímpicas, Lausanne 1979

2. GRECIA CLÁSICA. *Manual de Simbolismo y Arqueologia.* Madrid: Editorial Nueva Acropolis, 1995.

3. PAUSÂNIAS. *Descrição da Grécia Livro I, II, VI e X.* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

O CAMINHO DO Filósofo-Arqueiro

***TEXTO** RITA LONDON, FILÓSOFA-ATLETA DO TIRO COM ARCO E DIRETORA DA SEDE DE KARMIEL DA NOVA ACRÓPOLE EM ISRAEL*

Deixe-me começar com uma história pessoal: meu primeiro encontro com o arco e flecha foi como redescobrir um antigo amor. Ainda me lembro da emoção que senti depois de atirar minha primeira flecha. Em algum lugar bem no fundo, uma voz disse calma, mas claramente:

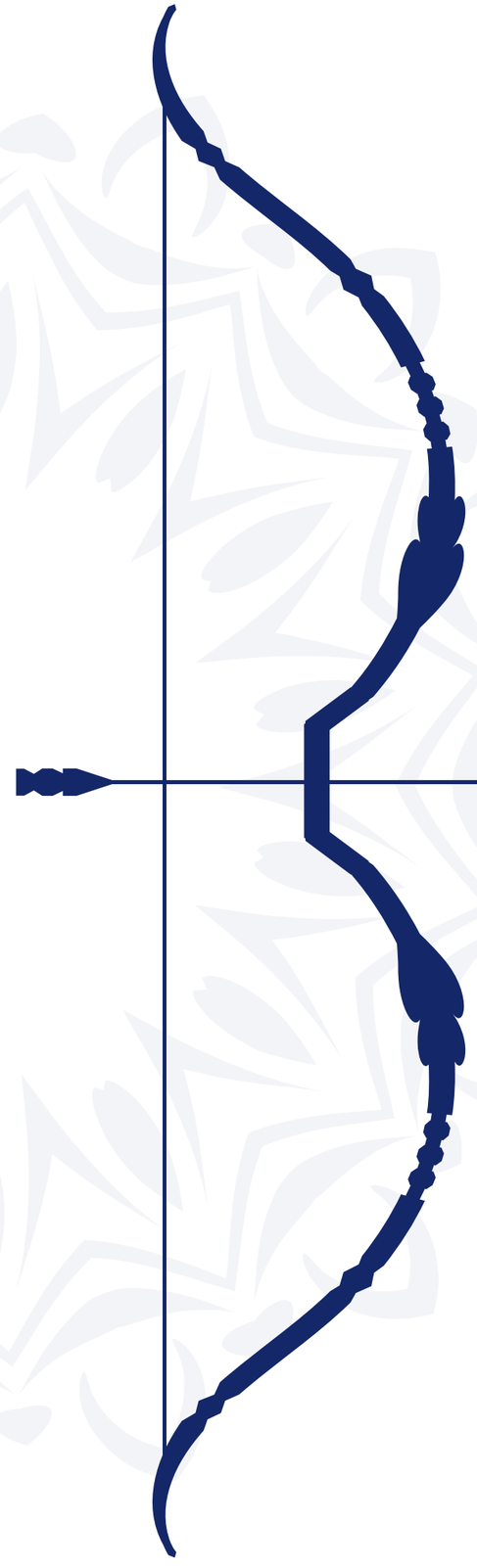
"Isso não é novidade para nós. Já fizemos isso antes."

Naquele momento, eu soube que havia encontrado algo que um dia conheci, mas havia esquecido – e agora eu tinha a chance de me lembrar novamente.

ATLETAS ACROPOLITANOS
praticando arquearia

O caminho da intenção, tensão e concentração

Desde então, e há muitos anos, praticar o arco e flecha me ensinou sobre a sabedoria da concentração focada, tensão adequada e intenção correta. Repetidamente tenho visto – tanto em mim quanto nos outros – como o arco e flecha se conecta à prática de valores humanos fundamentais. Essas três qualidades, acima de tudo, formam a base do caminho filosófico do arqueiro.



O arco é vida

Como Paulo Coelho escreve em O Arqueiro:

"O arco é a vida: dele vem toda a energia. A flecha irá partir um dia. O alvo está longe. Mas o arco permanecerá sempre com você...

Seja sempre claro em suas intenções."

E isso é uma grande verdade. A princípio, o arco e as flechas parecem estranhos – para o arqueiro e um para o outro. Mas com tempo e dedicação, o arco se torna como uma continuação do próprio corpo do arqueiro. Quanto mais ele o conhece, mais conectados se tornam. Sua consciência penetra o arco. Ele se torna uma extensão de seu ser. Cada prática se torna um ritual – um encontro sagrado com a natureza, com o Eu e com o divino.

O poder da intenção

Neste estágio, a intenção se torna crucial – não é mais um pensamento, mas uma força. A flecha não é liberada apenas pelo músculo; ela é lançada pelo poder da intenção. Na tradição arqueiro-filosófica da Nova Acrópole, há um ditado:

"O arco é como um ser humano: uma extremidade aponta para o céu, a outra, para a terra.

É uma ponte que conecta o espírito e a matéria."

A corda do arco, portanto, é o seu centro interior e deve ser segurada com a tensão certa: equilibrada e estável. Encontrar esse equilíbrio é a chave para um bom tiro, e é igualmente importante na vida. É uma prática poderosa – manter a corda interior adequadamente tensionada, mesmo em tempos difíceis e momentos de turbulência emocional.

A flecha como a alma

A flecha representa a alma – ansiando por se unir ao seu verdadeiro alvo, o eu superior. O foco no alvo vem do coração do arqueiro. É o que o conecta ao seu objetivo. Assim como com a força de vontade e a imaginação, projetamos nossa intenção em direção a algo significativo que nos espera no futuro.

"A flecha é como uma semente – plantada no solo da vida com esperança e propósito."

ATLETAS ACROPOLITANOS DE ISRAEL praticando arquearia

Foco como ponte viva

O foco é uma qualidade que se desenvolve ao longo do tempo no caminho do arqueiro. É uma disciplina, um músculo em crescimento, que se fortalece a cada prática, a cada flecha. A princípio, parece um fino fio prateado conectando o arqueiro ao alvo.
Mas, em momentos raros e sagrados, esse fio se torna uma ponte viva, uma presença que nos conecta a tudo:

Um elo entre o arqueiro e o mundo, visível e invisível. Entre as pessoas.

Entre a natureza. Entre a alma e o Céu.

O momento de soltar

Esse tipo de foco leva à presença plena na vida. E no momento da soltura, o arqueiro está plenamente vivo – expressando sua vontade mais profunda em harmonia com as leis da natureza. O arqueiro lança a flecha com a intenção correta, vinda da alma e focando na Unidade. Quando o faz a partir do seu centro e com o equilíbrio certo da tensão, uma transformação acontece:

A flecha atinge o coração da alma –

a superalma, o centro do alvo.

Esse é um momento muito especial na vida do arqueiro. Um momento de rara harmonia, de sincronicidade e de plena presença, deixando sua marca no meio do alvo. Um acerto perfeito... um sinal da vida, um sorriso de Diana, o riso de Ártemis, um beijo de Niké.

A Filosofia viva do arqueiro

Tal é o caminho do filósofo-arqueiro – ele é vivo e se molda continuamente a cada esforço interno, manifestado através de virtudes e qualidades interiores. É um caminho moldado por:

Concentração
focada

Tensão
adequada

Intenção
correta

Ele une a Terra e o Céu, a matéria e o espírito. E, às vezes, se eleva ainda mais alto, alcançando os céus onde toda a separação se dissolve e apenas o Um permanece.

ESTÁTUA DIANA DE VERSAILLES, arte romana por Leocarés | 325 a.C.

Mitos

Diágoras de Rodes

E O TRIUNFO NA MORTE

TEXTO LUCIANA CASTRO, INTEGRANTE DO SENADO ORGANIZATIVO INTERNACIONAL DA NOVA ACRÓPOLE

A força das anedotas no universo filosófico-esportivo

Anedotas são pequenas histórias, particularidades curiosas ou instigantes, podendo ser ambientadas em locais e épocas específicos.

Em nossa oportunidade dentro de uma revista com temas filosófico-desportivos, teremos como enredos as festividades atléticas da Antiguidade e, caso surjam, quem sabe possamos falar dos tempos atuais. O diferencial que apresentam tais historietas é a relevância pedagógica. Se acontecer de termos as ocorridas em tempos atuais, será porque mereceram, com seus ensinamentos narrados por quem tenha propriedade para tal feito. Afinal, a reflexão e análise dos fatos feitas pelo narrador contam um bocado. Mas deixemos o tempo dar conta de nos ensinar mais, para então merecer figurar nas páginas da história, tornando-se uma anedota digna de ocupar tal lugar.

DIÁGORAS carregado em triunfo por seus filhos após vitória olímpica | Auguste Vinchon, 1814

DIÁGORAS carregado em triunfo por seus filhos em Olímpia | Thomas Degeorge, 1814

Retratos simples, mas cheios de valor

Uma anedota pode ter acontecido à margem dos eventos mais importantes e, por isso, acaba sendo pouco divulgada. Pode ter ocorrido com uma determinada personagem ou estar relacionada a algum dado histórico. Relataremos principalmente as experiências dos atletas – os agonistas da Antiguidade ou da atualidade – trazendo à tona curiosidades e exemplos de postura, conduta e força moral. Modelos pelos quais os discípulos-atletas, cientes das motivações que originaram os Jogos ao longo da história da humanidade, possam enxergar seu próprio papel no mundo e sua postura diária perante a vida, inspirados por aqueles que viveram tais modelos. Servirá também como forma de identificação com um estilo de vida – um modo de viver – o encontro com a identidade por meio da qual os acropolitanos atualmente procuram levar à prática os ensinamentos recebidos dos grandes sábios da humanidade.

Píndaro: o poeta das vitórias eternas

E por falar em forma de vida e sabedoria, vamos trazer a figura de **Píndaro** para essa primeira anedota. Pouco se sabe com certeza sobre sua vida, mas fato é que Píndaro foi um dos mais ilustres poetas gregos, tendo nascido durante os Jogos Píticos e vivido 80 anos, entre os anos 518 e 438 a.C., sendo testemunha dos feitos dos grandes campeões dos Jogos Pan-Helênicos. Sua obra foi preservada na famosa Biblioteca de Alexandria, posteriormente, na segunda metade do século III a.C., por **Zenódoto de Éfeso**, bibliotecário-chefe. Depois dele, o mais importante editor de Píndaro foi **Aristófanes de Bizâncio**, responsável por dividir os textos em versos – até então escritos em prosa contínua, sem espaços entre as palavras. Aristófanes também organizou a obra do poeta em quatro livros: para os vencedores nos Jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeios.

"Palavra de afirmação", "aprovação", "louvor" – assim o próprio Píndaro se referia às suas odes. Em grego antigo, aînos, termo que também carrega o sentido de "história exemplar", a partir da qual o ouvinte pode tirar uma conclusão ou lição – o que, para os gregos, era chamado sýnesis: a capacidade de compreender nas entrelinhas.

Por ora, devido ao caráter breve deste artigo para a revista Niké, teremos uma ideia inicial do que o poeta nos deixou em seus escritos. Píndaro esteve presente nas experiências junto aos atletas da Antiguidade, inspirando-se nos grandes feitos das festividades. Quem sabe, futuramente, possamos voltar a falar dele e trazer mais sobre sua vida.

A grandeza de Diágoras e o clã de Rodes

Fato é que Píndaro dedicou sua **Ode Olímpica XII** a um célebre campeão, e teceu belíssimos elogios à sua figura lendária, cantando suas muitas conquistas. A seguir, traremos um trecho em que ele registra de forma sublime – louvando, aprovando, com palavras afirmadas por quem conviveu com heróis que superaram o agón –, oferecendo-nos um grande exemplo de admiração e de narração inspiradora sobre grandes vitórias. Homens e mulheres que tocaram as vestes dos deuses do Olimpo – seja pela ginástica, superando a si mesmos, seja pela música, inspirados pelas musas.

A anedota desta edição da Niké é sobre **Diágoras de Rodes**. Diágoras foi o campeão do pugilato nos Jogos da 79ª Olimpíada (ano de 464 a.C.). Ele foi o primeiro atleta olímpico da cidade de Rodes. Além da vitória olímpica, venceu também em Delfos, conquistou quatro títulos nos Jogos Ístmicos e dois nos Jogos Nemeios.

Diágoras foi o fundador de uma dinastia de campeões olímpicos. Em Olímpia, também conquistaram a coroa da vitória seus filhos **Damágetos, Akusilaos e Dorieus, assim como seus netos Eukles e Peisirodos**. Sua estátua olímpica era cercada pelas dos demais vencedores do célebre e vitorioso clã de Rodes.

MONUMENTO a Diágoras de Rodes em Olímpia, na Academia Olímpica Internacional

Um fim digno dos deuses

Conta-se que Diágoras foi a Olímpia no ano 448 a.C., para presenciar os Jogos da 83ª Olimpíada, nos quais participaram seus filhos Akusilaos (no pugilato) e Damágetos (no pancrácio). Ambos foram proclamados vencedores em suas finais. Quando receberam as coroas da vitória, dirigiram-se ao local onde o pai estava sentado. Colocando-lhe as coroas sobre a cabeça, o alçaram nos ombros e o levaram em volta triunfal pelo estádio.

A multidão irrompeu em aplausos e gritos de júbilo, enquanto flores eram lançadas à sua passagem. Um espectador gritou: **“Feliz de você, Diágoras, por teus filhos! Nunca mais, no tempo que te resta de vida, poderás experimentar felicidade maior que esta!”**

Conta-se ainda que uma voz lhe sussurrou ao ouvido: **“Diágoras... que mais te falta viver?”**

Quando a volta apoteótica terminou, e os dois campeões olímpicos desceram o pai dos ombros, perceberam que ele havia morrido. Seu espírito, dizem, considerou que aquele momento glorioso era o mais adequado para se despedir da vida.

MONUMENTO a Diágoras em Olímpia, Grécia

RELEVO PANATENAICO DE LUTA, aprox. 500 a.C.

Voluntariado

APÓS A DANA* EM VALÊNCIA

TEXTO ANA GÁLVEZ, INTEGRANTE DO SENADO ORGANIZATIVO INTERNACIONAL DA NOVA ACRÓPOLE E COORDENADORA DA ESCOLA DO ESPORTE NA ESPANHA

No momento em que escrevo esse artigo, já se passaram sete meses. A enchente (DANA*) chegou à província de Valência no dia 29 de outubro de 2024, deixando um rastro terrível de mortes e devastação, mas também um exemplo vivo de um povo que trabalhou, dia após dia, para se recuperar dignamente do desastre. Com eles, milhares de voluntários vindos de todas as partes estiveram oferecendo suas mãos e seus corações, e continuam, literalmente metidos na lama.

Para este artigo, faço uma reflexão a partir das experiências de voluntários da região, alguns pertencentes à Associação de Voluntariado GEA e à Escola de Filosofia Nova Acrópole. Vale lembrar, no entanto, que foram muitas as associações, ONGs, equipes de emergência, forças de segurança e outros, seja de forma individual ou coletiva, que estiveram presentes desde o primeiro momento até hoje, pá a pá, trabalhando para que as comunidades afetadas voltem a ser o que eram, e as pessoas, às suas vidas.

Entre os voluntários da Nova Acrópole, também estavam atletas da Escola do Esporte com Coração, que colocaram toda a sua força e entusiasmo para ajudar em tudo o que fosse necessário.

Destaco o trabalho admirável da coordenadora de Voluntariado da Nova Acrópole em Valência, Maria Ángeles Martínez, que desde o primeiro momento esteve em contato com os serviços sociais dos municípios mais atingidos pela catástrofe, junto a Angelina Molina, responsável do GEA Espanha, e José Manuel Alabau, diretor da Nova Acrópole em Valência, organizando todos os voluntários, para que estivessem presentes onde quer que fosse solicitada ajuda, tanto em tarefas de limpeza quanto na entrega de alimentos às famílias mais necessitadas, sempre oferecendo o mais sincero e afetuoso apoio humano.

Compartilho agora as palavras de Juan José Machado, voluntário e atleta valenciano, que concentrou seus esforços no resgate de animais:

"Ainda que pareça que essa tarefa te afasta da sociedade humana, descobri algo fascinante. Percebi que, ajudando esses pequenos animais de estimação, o ser humano se comporta de maneira muito mais pacífica, silenciosa e humilde. Refiro-me às formas de organização, de entendimento e de ação. Torna-se um pouco criança, com mais ternura no coração, coloca mais alegria no trabalho e volta a brincar com a imaginação. O que esses pequenos seres nos fizeram sentir foi comovente. Ensinaram-nos que aqueles que os compreendem, se aproximam, de alguma forma, do entendimento de determinados aspectos da personalidade instintiva do ser humano.

Todos ajudavam: alguns com doações, outros com o trabalho físico; havia também aqueles que, mantendo a alegria, cuidavam dos que estavam trabalhando. Grandes ondas de pessoas se preparavam para ir aos vilarejos das mais diversas formas. Formaram-se enormes grupos de peregrinos, unidos por um mesmo objetivo. As pessoas revelaram seu lado mais bondoso e, onde antes não havia olhares nem interesse pelo outro, agora tudo era união. Vizinhos, que antes não se falavam, passaram a se tratar como irmãos; desconhecidos se olhavam nos olhos e se reconheciam. Não havia mais classes sociais, condições econômicas ou diferenças de idade."

VOLUNTÁRIOS ACROPOLITANOS trabalhando na recuperação de áreas afetadas

Na nossa Escola, entendemos que o esporte ajuda a canalizar toda essa mistura de emoções de forma positiva e direcioná-las para o crescimento e amadurecimento pessoal. Além disso, favorece que todos esses valores que normalmente encontramos no esporte – como a responsabilidade, o compromisso, a solidariedade, o respeito, a inclusão e a aceitação dos demais – passem a fazer parte da nossa personalidade.

Como dizia Aristóteles, em sua Ética a Nicômaco, viver humanamente exige nos propor uma meta final, um objetivo, um fim, um télos. De maneira semelhante à do arqueiro que mira o alvo para acertar o centro, devemos nos propor um fim para, assim, orientar nossa conduta.

Desde suas origens, a filosofia buscou revelar o caminho para uma boa vida. Ela nos ajuda a compreender o mundo em que vivemos, a tomar decisões justas, responsáveis e livres, e a nos comprometer com uma sociedade mais justa e humana. A filosofia nos convida a melhorar a nossa existência.

E, como sempre, são as ações que demonstram o valor das pessoas. Façamos atos bons, justos e belos, para que eles se tornem realmente verdadeiros.

VOLUNTÁRIOS ACROPOLITANOS trabalhando na recuperação de áreas afetadas

***DANA**: sigla para "Depressão Isolada em Níveis Altos" (Depresión Aislada en Niveles Altos), fenômeno meteorológico que costuma provocar chuvas torrenciais, inundações e destruição em partes da Espanha.

COMITÊ BRASILEIRO
PIERRE DE COUBERTIN

Pierre de Coubertin deixou ao mundo um legado imensurável ao recriar os Jogos Olímpicos na modernidade como símbolo de união entre os povos, celebração da paz e do espírito humano.

Com sua visão apaixonada pela educação e pelos valores do esporte, ele acreditava que a competição saudável poderia transcender fronteiras e promover o entendimento global.

Buscando preservar este legado, o Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin (CBPC) é uma associação civil sem fins lucrativos, reconhecido pelo Comitê Internacional Pierre de Coubertin (CIPC), que desde sua fundação, em 2006, se dedica a preservar e difundir os ideais e valores olímpicos promovidos por Pierre de Coubertin no Brasil. Sua principal função é atuar como um elo entre o movimento olímpico e a sociedade, promovendo a educação por meio do esporte e incentivando a adoção de princípios como respeito, excelência, amizade e espírito de equipe.

Por meio de eventos, palestras, projetos educacionais e culturais espalhados pelo Brasil, o comitê busca disseminar a filosofia olímpica e inspirar gerações a valorizar a prática esportiva como ferramenta de desenvolvimento pessoal, social e ético.

Saiba mais em
coubertinbrasil.com.br

NOVA ACRÓPOLE
ESCOLA DE FILOSOFIA

Escola do Esporte com Coração de Nova Acrópole

CURSO

Esporte para Viver

Experimente o esporte de uma maneira profunda e transformadora em uma **jornada de aprendizado.**

Disponível nas sedes de

Santa Cruz do Sul, RS | (51) 99752.0420
São José, SC | (48) 99100.8008
Copacabana, RJ | (21) 96650.7447